

Obs: As notas de rodapé são observações da tradutora.

[NdT: Estava presente seu filho Bernard]

MILTON GURAN - Hoje, dia 2 de junho de 1995, [estamos] com madame Ida Carmela, nascida Olympio e seu filho Bernard. A senhora estava dizendo que vosso pai era professor e que ele trabalhou bastante tempo na Costa do Marfim, então a senhora morou muito tempo lá. Isso era quando? A senhora tinha que idade nessa época?

IDA OLYMPIO - Eu estava doente aqui em Aguê, quando papai veio, ele veio me buscar, em 1945.

MG - 1945. Então a senhora tinha uns quinze anos, por aí.

IO - Eu nasci em 1934.

MG - Em 1934. Então a senhora tinha onze anos. E vossa família já estava aqui, porque a senhora estava aqui.

IO - Sim, sim.

MG - O pai da senhora morava aqui antes?

IO - Sim. E depois ele partiu para a Costa do Marfim, para trabalhar.

MG - E o avô da senhora morava aqui também?

IO - Sim.

MG - E como ele chamava mesmo?

IO - Joseph Olympio.

MG - Joseph Olympio. A casa dele ainda existe?

IO - Sim. É isso, eu enviei [alguém] ver se meu tio estava lá, para que tragam a foto dele e o senhor veja um pouco.

MG - Então vamos visitá-lo?

IO - Ele não está lá. Dizem que ele não está lá.

MG - Não tem problema.

IO - Iremos outro dia.

MG - E o tio da senhora, como ele chama?

IO - Justin Olympio.

MG - Justin Olympio. É o irmão de vosso pai.

IO - Sim.

MG - E por que a família veio para cá, para Aguê? Ou Grande Popô?

IO - Grande Popô.

MG - A partir de Aguê? Ou Grande Popô?

IO - Porque a mãe do meu avô é de Grande Popô.

MG - Hum, a mãe do Joseph...

IO - Era de Grande Popô.

MG - O que ele fazia, ele era comerciante, Joseph?

IO - Sim, sim.

MG - Comércio do quê? A senhora sabe?

IO - Nesse tempo ele ficava nas butiques, como gerente, tudo isso. Ele ficou na Nigéria mesmo. Depois de um ano, uma coisa, um coqueiral, longe, por lá, ele fazia o *copra*, tudo isso. *Copra* de côco.

MG - Sim, sim, eu vejo.

IO - Ele fazia isso e vendia em...

MG - Os Olympio estão no comércio há muito tempo. Diga-me uma coisa, madame. Francisco Olympio, o fundador da família, ele nasceu no Rio de Janeiro.

IO - Ah, bom?!

MG - Ele era negro ou branco, na opinião da senhora?

IO - Hum, ele era, ele era... Pelo que eu ouvi falar, nossos descendentes eram mestiços, então, ele era também como o senhor, talvez. Senão, os descendentes não seriam mestiços.

MG - E o avô da senhora era mestiço?

IO - Sim.

MG - Então, Olympio era um branco.

IO - Ah!

MG - Ele não era mestiço. Ele era branco. Mas não tem fotos dele?

IO - Ah, talvez, mas eu não sei.

MG - Vamos perguntar para o Carlos.

IO - Ah, bom.

MG - Quando a senhora vai para o Togo, lá em Lomé, pergunte ao Carlos. Mas eu não acho, porque nessa época, as fotos são muito, muito raras.

IO - As fotos, sim.

MG - Mas temos assim mesmo desenhos de Chachá de Souza, temos...

IO - Sim, sim.

MG - Talvez tenhamos de Francisco Olympio.

IO - Hum.

MG - Vou encontrar o rastro de Olympio no Rio de Janeiro.

IO - Ah, bom.

MG - Vou procurar lá. Então, a senhora me dizia que estava doente, então o pai da senhora veio aqui em 1945 e levou-a para lá.

IO - Para a Costa do Marfim.

MG - Costa do Marfim, em Abidjan. É uma bela cidade, não?

IO - Sim, sim, agora está ainda mais bonita, porque realmente, quando fui outro dia, mas é ainda mais bonita agora do que antes.

MG - Hum. Fizeram obras por lá.

IO - Eles trabalharam bem, sobretudo em Houphouet Boigny, lá, ele trabalhou.

MG - Então, quanto tempo a senhora ficou por lá, na Costa do Marfim?

IO - Quantos anos eu fiquei na Costa do Marfim?

MG - Sim.

IO - Hum. Eu estava lá, eu estava na escola até... É em 1958 que eu voltei para o Benim.

MG - Hum, treze anos depois.

IO - Tinha havido alguma coisa.

MG - Mas em 1958 a senhora já estava casada, ou o quê?

IO - Sim, eu tinha muito...

MG - A senhora já tinha filhos em 1958.

IO - Sim, sim, eu tinha. Gilles e depois Olivier. Voltei com Gilles e depois Olivier.

MG - Nessa época a senhora já estava casada com Alphonse.

IO - Sim.

MG - Então a senhora o conheceu lá?

IO - Sim.

MG - Mas ele é natural do Benim ou ele é...

IO - Sim, sim.

MG - E ele estava lá.

IO - Ele é natural de Grande Popô, é por isso que ficamos.

MG - Hum! A senhora já o conhecia quando era pequena, a senhora o conhecia.

IO - Eu o conhecia.

MG - Ah, isso é uma verdadeira história de amor. E ele é natural de Grande Popô. É isso. E então, vocês voltaram para cá em...

IO - Em 1958 nós voltamos. Eh! Os marfinenses são *soukoés*<sup>1</sup>, eles não gostam de estrangeiros. Perdemos todas as nossas estufas<sup>2</sup> e voltamos.

MG - É isso.

IO - Catástrofe.

MG - Na vida dos Olympio tem sempre catástrofes assim, hein!

IO - Nós voltamos, e papai também voltou. Depois ele morreu, em 1973.

MG - Ah, vosso pai morreu aqui, então.

IO - Ele está enterrado aqui. Do lado do pai dele.

MG - Vamos ver isso...

IO - Tem até o pai dele lá.

---

<sup>1</sup> Aparentemente é um termo africano.

<sup>2</sup> No manuscrito está escrito *effets*, que poderia ser traduzido também como efeitos. Mas *effet de serre* significa estufa.

MG - Vamos dar uma volta lá. Nós fazemos passeios nos cemitérios. As pessoas que estudam história, elas fazem coisas muito bizarras, hein. E, nessa época, o Sr. Alphonse trabalhava aonde? Ele trabalhava aqui?

IO - No Ofício de Turismo.

MG - Ah, certo.

IO - Ele fez em Grande Popô, depois ele ficou em Cotonou, depois a luta, depois, é quando ele estava em Abidjan, lá, ele era trabalhador do comércio, na R.C.A.O. E foi depois que ele voltou, que ele procurou outro posto. E agora ele trabalha no ofício de turismo ONATHO. Ele trabalha na ONATHO e ele se aposentou, então ele voltou para Grande Popô. Voltou agora e é assim que ele tornou-se prefeito de Grande Popô.

MG - Ah, sim! É um trabalho muito bonito o trabalho de prefeito.

IO - Eh! Não pagam! O governo não paga, as pessoas são mal educadas contigo, tudo isso, realmente, é irritante. Eu, eu tenho vontade até que ele peça demissão.

MG - Peça demissão! Mas ele vai terminar o ano que vem, ele não pode pedir demissão! Se ele pede demissão quem vai tornar-se prefeito?

IO - Ah, eles que procurem! Eles são muito mal educados e desonestos. Ele são mal educados com os prefeitos lá.

MG - Ah, sim, a política é sempre complicada. Mas é preciso assim mesmo que alguém seja o prefeito.

IO - Ah, eles que procurem por lá. Como eu sou, as coisas assim me enervam. Deviam pagá-los e não pagam.

MG - Sim, isso é verdade, deviam pagá-los. Isso não é correto, porque ele, ele trabalha. Tem pessoas que são mal educadas e tudo isso, ele está fora de casa o dia todo e além do mais não é pago, então, aí não é bom.

IO - Sua pequena pensão não é o suficiente, é difícil.

MG - Sim, eu imagino, eu imagino, é difícil. E todo o mundo e a senhora tem ainda mais muitas despesas com a doença da irmã da senhora. A irmã mais velha da senhora é a Béatrice, não?

IO - Não, não, aquela que estava doente era minha cunhada, porque...

MG - A cunhada.

IO - É o irmão mais novo de Sylvanus Olympio, sua mulher.

MG - Hum, eu vejo.

IO - Ele se chama Georges Olympio, é um professor inspetor, ele está em Cotonu.

MG - Diga-me uma coisa, madame. A senhora pertence a uma grande família, uma família muito forte, simple ???<sup>3</sup>, etc. Como é que a senhora se sente em uma grande família brasileira? O que isso muda em relação a outras pessoas que não são brasileiras? Ser brasileira é diferente de ser mina, fom?

IO - Nós tentamos viver como podemos, para não ser diferente. Tentamos viver assim.

MG - A senhora faz a *bourian*? A festa brasileira?

IO - A *bourian* nós fazíamos em Aguê, em Lomé. Tem outras que são de Uidá, as pessoas faziam a *bourian*.

MG - Mas em Aguê não faziam muito *bourian*.

IO - Antes a gente fazia, quando os Olympio, em Lomé, lá na festa de Páscoa, nós levávamos as coisas, as máscaras, tudo isso. É bonito assim.

MG - Hum, todas as fantasias.

IO - Quando os mais velhos partiram de lá, acabou. As pessoas, quando eram pequenas lá, elas dançavam bem *bourian*. Agora, acabou.

MG - Então faz 40 anos que não fazem mais a *bourian*. A senhora sabe que em Porto Novo tem ainda a *bourian*?

IO - Sim, sim.

MG - Eu vou trazer uma fita de música de *bourian*.

IO - Eu vou ficar muito contente.

MG - Para fazer a senhora escutar. É bom isso.

IO - O que me falta é eu comprar um gravador para as fitas cassetes.

MG - Hum, vamos arranjar isso. É bom, porque a senhora poderá escutar as fitas cassetes de *bourian*, eu vou fazer uma cópia para a senhora. Tem todas as músicas de *bourian*. A senhora lembra se vosso pai, vosso avô, falavam algumas palavras em português? Não? Eles não falavam?

IO - Mas em Aguê, sempre de manhã eles falavam: “Bom die”<sup>4</sup>.

MG - Como eles falavam?

IO - Bom die.

MG - Todo mundo dizia ou bem...

---

<sup>3</sup> Pontos de interrogação do manuscrito: dúvidas na transcrição.

<sup>4</sup> No manuscrito está com “e” no final, mas trata-se certamente da expressão portuguesa “bom dia”.

IO - É na família dos Olympio. Quando você vem em casa... Eh, perdão!

MG - Tudo bem.

IO - Nós dizemos “bom die”, como minha irmã.

MG - Como tua irmã? E quando os Olympio falavam com os Almeida, eles falavam “Bom die”?

IO - ???<sup>5</sup> “Senhora”, “pergunte”<sup>6</sup>.

MG - Ah, isso são os antigos Olympio e os Almeida, com os antigos Medeiros.

IO - Ah, sim! E meu pai continuou tudo como os pais dele. Ele tinha ficado com eles muito tempo. Eu acho que ???<sup>7</sup>

MG - E nessa época os brasileiros se casavam com brasileiros?

IO - Ah, não, se casavam assim...

MG - Assim.

IO - Mas depois, os Olympio se casavam com os Medeiros, os Almeida, os Paraíso, e tudo isso. Nós nos misturamos depois.

MG - Mas tem também aqueles que casavam com aqueles que não eram brasileiros?

IO - Sim! É isso, nós morremos.

MG - É o casamento de amor.

IO - Nossas mães, em todo caso, não eram brasileiras. As mães de nossos pais eram beninenses, tudo isso.

MG - O Sr. Robert Dossou é casado com uma Medeiros.

IO - Ah, bom?

MG - Às vezes eu ouço falar assim: “Ah, as mulheres brasileiras, elas são boas para se casar porque elas cuidam bem da casa”. É verdade isso?

IO - Elas cozinham e tudo isso aí. Isso é verdade.

MG - Eu me pergunto, por exemplo, quando dizemos assim: ele é de Abomé – quer dizer que ele tem os fetiches de Abomé, ele fala fom, ele tem... As pessoas de Abomé têm uma maneira particular de ser, não é?

IO - Sim, sim.

---

<sup>5</sup> Dúvidas na transcrição.

<sup>6</sup> Ela cita palavras em português, o tradutor colocou “pregoute”.

<sup>7</sup> Dúvidas na transcrição.

MG - Eu queria saber qual é a maneira particular de ser dos brasileiros de Aguê. Tem alguma coisa de característico dos brasileiros de Aguê, em vossa opinião? Um prato de cozinha, uma comida, uma refeição? Para comer? Ou bem, eu não sei, hábitos culturais, religiosos, alguma coisa assim, a senhora não se lembra?

IO - Sim, as pessoas que são de Abomé com a mentalidade deles, não é a mesma coisa. ???<sup>8</sup> Tem alguma coisa particular que nós fazemos. Mesmo as pessoas de Aguê não são a mesma coisa.

MG - Não é a mesma coisa. Que tipo de diferença?

IO - Tem muita coisa, hein! Na nossa casa, entre os Olympio, tinha uma morte agora. Se um marido é morto, agora, a mulher do marido se veste de preto para fazer o luto, para ir à igreja, para fazer o enterro. Depois, as missas de réquiem e tudo isso, isso acabou. Enquanto que as pessoas que estão em Aguê, ou bem em outros países, tem as cerimônias funerárias, mas nós não fazemos isso, você vai à igreja e acabou. Não tem mais outras cerimônias. Nós não adoramos os fetiches não, nós sabemos que foi Deus que nos criou, e nós vamos à igreja, acabou.

MG - Sem fetiches.

IO - Nos Olympio, não.

MG - E os Medeiros, os Almeidas?

IO - Eles também. São aqueles que são misturados e talvez, eu tenho ido entre os fom, lá, pode ser, são os fom os... É isso, que eles copiaram. Mas, na nossa casa, entre os Olympio, não tem jamais isso. Nossos avôs nunca fizeram isso.

MG - Quer dizer que nessa bela cidade que eu vi essa manhã, do lado da cidade do Claude, na bela cidade lá, os Sylvanus, a senhora cresceu, nunca entrou um fetiche?

IO - Nunca, nunca.

MG - Quando a senhora era pequena, vosso avô, ele estava aqui em Grande Popô?

IO - Sim, sim.

MG - Ah, ele estava aqui, é verdade, a senhora me contou, ele era comerciante. O vosso avô, como ele se chamava<sup>9</sup>? A senhora se lembra? Ele chamava Otaviano, não?

IO - Não, Otaviano é o irmão mais velho do pai de ???<sup>10</sup>

MG - O pai de ???<sup>11</sup> Olympio era ???<sup>12</sup>

---

<sup>8</sup> Idem.

<sup>9</sup> A frase está formulada da seguinte forma no manuscrito: "Ele era do vosso avô, como ele se chamava?".

<sup>10</sup> Idem.

<sup>11</sup> Idem.

<sup>12</sup> Idem.

IO - ???<sup>13</sup>

MG - É isso. Tem Olympio aqui em Aguê, tem no Togo, tem em Cotonu.

IO - Em todo lugar.

MG - Em todo lugar. Vosso filho que faz universidade em Cotonu, como ele chama?

IO - Claude.

MG - Ele se chama Claude. Ele faz estudos do quê?

IO - De filosofia.

MG - Filosofia. Ah, é preciso absolutamente que eu o conheça!

IO - Ah!

MG - A senhora não está contente, a senhora ama a medicina. Todas as vezes que um filho faz estudos de filosofia, a mãe fica triste.

IO - Ah, pelo menos ele fazia inglês, mas para ele, aí, eu não sei o que ele fará ao certo.

MG - Mas é muito importante fazer filosofia. É muito bom. Eu também, eu gosto muito de filosofia. Eu, quando era jovem, comecei estudos de filosofia. Depois fui obrigado a parar.

IO - Ah, bom?

MG - Eu precisei parar porque houve problemas políticos no Brasil também. Mas isso é muito bom, eu vou discutir com ele. Talvez eu possa ajudá-lo em alguma coisa.

IO - Esta aí! Bom, podemos dizer a ele de vir. Ele prometeu vir estudar um pouco aqui, porque eles têm exames para passar dia 19, 20. Ele me prometeu que viria por uma semana aqui. É por isso que ir para Lomé, aí eu enrolo um pouco. Porque se eu parto e ele vem... Vamos chamá-lo.

MG - Sim, a senhora o chama, talvez que em vez de vir, se é no dia 19, ele vem na semana que começa dia 12.

IO - Sim.

MG - Sim, é a semana que vem antes do exame. E a senhora parte agora, a senhora parte dia 7, não é?

IO - Sim, eu vou ver.

MG - Hum, está bem.

IO - Eu vou ver se vou partir.

---

<sup>13</sup> Idem.

MG - Se a senhora vai para Lomé, é muito bom porque vamos nos ver lá. Se a senhora fica aqui, é ainda melhor, porque nos vemos aqui e ainda mais posso conhecer Claude.

IO - Ah, bom.

MG - Que faz estudos em filosofia. E você, faz estudos do quê?

BERNARD - Eu, se eu vou bem, eu quero ser doutor, ou bem historiador.

IO - ???<sup>14</sup>

MG - Ele vai ser doutor, é muito interessante.

IO - Oh! Ele não é muito inteligente.

MG - Oh, não é verdade.

IO - Para ser doutor, é preciso estudar muito. Agora, não tem mais dinheiro, ele tem é que fazer rápido, para fazer alguma coisa, aí sim, tudo bem.

MG - Vamos ver.

IO - Não tem dinheiro para ajudar, tudo isso aí.

MG - Para estudar medicina?

IO - Sim, não tem dinheiro. Tudo custa caro agora.

MG - Sim, é verdade, mas...

IO - Mathilde está lá. Ela faz estenografia, datilografia, agora, ela começou, ela faz a coisa lá, é que, o secretariado. Então, esse ano, ela vai passar o BAC<sup>15</sup>.

MG - Perpétue.

IO - Sim, Perpétue. A outra também, ela vai junto.

MG - Ela tem que idade?

IO - Perpétue, eu acho que tem 23 anos. 22 anos, não sei.

MG - Então ele tem 25 anos, 26, por aí. Diga-me uma coisa. Os Olympio, eles falam nagô?<sup>16</sup>

IO - Sim, eles vieram da Nigéria.

MG - Da Nigéria.

---

<sup>14</sup> Idem.

<sup>15</sup> Exame que é feito depois da classe terminal, equivalente ao 9º ano brasileiro, e que dá acesso à universidade na França, tal como um vestibular.

<sup>16</sup> A palavra nagô foi contornada com um círculo pelo pesquisador Milton Guran.

IO - Sim.

MG - E Francisco, esse Francisco, ele tem quantas mulheres, a senhora sabe? É o Carlos que sabe, talvez.

IO - Talvez o Carlos saiba isso.

MG - Eu quero perguntar a ele. Então, depois a Epifânia, que falam nagô. Antes não falavam nagô, falavam mina talvez.

IO - Nós não sabemos isso, precisa perguntar para as pessoas mais velhas.

MG - Sim, eu vou perguntar. E a senhora, fala nagô?

IO - Oh! Quando eu estava em Aguê, falávamos nagô em casa, falamos mina também em casa.

MG - Então a senhora fala um pouco de nagô.

IO - Sim.

MG - E a senhora fala mina?

IO - Sim, porque minha mãe fala mina.

MG - Hum!

IO - Minha mãe é de Porto Seguro<sup>17</sup>.

MG - Porto Seguro é longe daqui?

IO - Depois de Anecho.

MG - Depois de Anecho, no Togo.

IO - Hum.

MG - A senhora sabe, Porto Seguro é uma cidade da Bahia, é a região da Bahia aonde os portugueses chegaram primeiro.

IO - Ah, bom?

MG - No Brasil se chama Porto Seguro. Quer dizer porto seguro, que não dá problema, e isso, é brasileiro. Porto Seguro. Então vossa mãe é de Porto Seguro, é Mina lá.

IO - Sim, falamos mina.

MG - Ela era brasileira?

---

<sup>17</sup> Idem.

IO - Não, não, o pai dela, a família do pai dela é Lassey, então o pai dela era pequeno, era o filho de um lavador, e os alemães o levaram para a Alemanha, ele fez seus estudos lá.

MG - Ah, isso é bom.

IO - Depois ele voltou trabalhar aqui. É ele que trabalhou aqui, e é a casa dele aqui.

MG - Ah, essa casa aqui é dele.

IO - É obra de meu avô. O pai de minha mãe.

MG - O pai de vossa mãe.

IO - É ele que construiu isso, em 1902.

MG - Hum, em 1902!

IO - É isso que está marcado aqui. Está marcado, é verdade.

MG - Já é antigo, eu não sabia que era do vosso avô.

IO - Hum, é a casa dele. Porque todos os seus filhos, tem muitos, muitos, não teve meninos. Teve dois meninos que nasceram mortos. E essas meninas aí são velhas, velhas agora. Não tem ninguém para segui-las Então, eu, eu estou aqui, eu estou aqui.

MG - É bom, porque a senhora está confortável.

IO - Porque, quando tinha o barulho, quando tinha alguma coisa no Togo, eles corriam aqui para ficar com a gente.

MG - No Togo tem sempre brigas.

IO - Sim, sim.

MG - Diga-me uma coisa. É verdade que o mar comeu a casa que estava lá?

IO - Mais de um quilometro de casa já partiu no mar.

MG - Um quilômetro de casa?

IO - Um quilômetro de casa já partiu. Se o mar transborda, vemos um pouco.

MG - Um quilômetro de casa, mas é toda a cidade então.

IO - Sim, Grande Popô era grande, nós recebíamos os barcos aqui. O avô do qual eu falo aqui, ele veio da Alemanha. É ele que era o agente que recebia os barcos aqui antes. Traziam *copra*, palmiste.

MG - Ah, era tudo aqui! Nessa época, Grande Popô era mais forte do que Aguê.

IO - Sim.

MG - Depois o mar comeu as casas. Porque, olhe, agora vossa casa aqui esta mais próxima do mar, e a casa mais próxima do rio. Temos 200 metros, 300 metros, talvez.

IO - Sim.

MG - Quer dizer que o um quilômetro de casa, isso faz três vezes isso.

IO - Sim, tinha muitas pessoas aqui antes.

MG - Hum.

IO - O mar comeu tudo. Era como o Gana aqui, antigamente, era assim.

MG - Quando a senhora era pequena, tinha o porto, a mar não tinha comido o porto.

IO - Não, não. Não tinham construído o porto, mas...

MG - Tinham os barcos.

IO - Tinha uma loja grande e depois os barcos vinham, as pessoas iam...

MG - Em jangada.

IO - Hein! Em jangada.

MG - Sim, eu vejo que tem grandes lojas lá. É de 1922.

IO - 1932.

MG - 1932.

IO - Sim.

MG - É antigo, já tem 60 anos.

IO - É isso.

MG - É pena, a senhora vê um dia o mar vai chegar aqui.

IO - Sim, sim, nós achamos. Porque um dia estava lá e o mar transbordou, passou diante da nossa casa aqui para ir se jogar na lagoa, e depois estamos aqui na casa.

MG - Oh, o mar passou aqui em frente!

IO - Sim! Em alta velocidade, para ir se jogar na lagoa.

MG - Então o mar está furioso.

IO - Um dia poderemos deixar aqui.

MG - Sim, talvez, talvez que com o tempo façam obras aí, para parar o mar.

IO - Mas não tem dinheiro, o Benim não é rico. Seremos obrigados a deixar [a casa] para construir uma nova cidade mais longe.

MG - Não é grave, porque as crianças já estarão grandes. Nessa época, Bernard já será diretor.

IO - Ele faz castelos na Espanha.

FIM